



RELAÇÃO SUJEITOS E ESPAÇO: RECURSOS, INFRAESTRUTURA ESCOLAR E A INFLUÊNCIA NO ENSINO- APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

Paloma Stefanie Silva

palomasts7@gmail.com¹

Carla Juscélia Oliveira de Souza

carlaju@ufsj.edu.br

Resumo

Este trabalho compõe os resultados adquiridos durante atividade de pesquisa, simultânea e realizada no contexto do Estágio Supervisionado I, do curso de Geografia, cujo objetivo foi investigar e discutir a relação entre as condições de infraestrutura e espaço escolar com ensino-aprendizagem de geografia. Tendo em vista que a qualidade do ensino está ligada também às condições do espaço em que alunos e professores estão inseridos, a então pesquisa teve o intuito de levantar e compreender do que seria um ambiente ideal para o ensino-aprendizagem de geografia, bem como uma visão geral das relações espaço e ensino presentes na escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento, localizada no município de Piedade do Rio Grande – Minas Gerais. A metodologia consistiu na observação, no levantamento empírico e na coleta de dados através de entrevista e aplicação de questionários. Através dos resultados foi possível observar a interação que os professores possuem com a escola e com os recursos disponíveis. Segundo os professores entrevistados, os recursos multimídia (66,6%), assim como o ambiente de sala de vídeo (83,3%) são altamente solicitados na escola. Apesar disso, o uso da sala de aula (91,6%) e o recurso quadro e giz (91,6%) constituem espaço e recursos mais utilizados no ensino, na escola que apresenta, também, problemas de manutenção e necessidade de reforma na edificação. Esses aspectos interferem de maneira negativa nos resultados do ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Geografia escolar, infraestrutura, ensino-aprendizagem.

Introdução

Ao analisar a questão do ensino e da aprendizagem nas escolas é comum deparar-se com algumas dificuldades que interferem no processo de formação básica. As políticas de ensino presentes nas escolas, a gestão dos recursos, as condições físicas da escola, a abordagem

¹ Graduanda em Geografia licenciatura pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Pesquisa Científica realizada conjuntamente com Estágio Supervisionado I, sob orientação da Profa. Dra. Carla Juscélia de Oliveira Souza, docente do Departamento de Geociências (DEGEO).

do professor em sala, a elevada carga horária e remuneração inadequadas são alguns dos exemplos, que podem influenciar de forma negativa, de maneira direta ou indireta no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Compreender como se dão as relações entre sujeitos, professores, alunos, direção e funcionários, com o meio de ensino no qual se inserem, a escola e suas políticas internas, pode ser um dos caminhos para se compreender tal processo.

As condições de infraestrutura, bem como a administração e organização dos insumos escolares podem influenciar diretamente na atuação profissional do professor e em como o conhecimento é passado e adquirido pelos alunos. Soares e Sátyro (2008) consideram insumos escolares como sendo todo e qualquer tipo de infraestrutura, seja o número médio de alunos por turma; o número de horas-aula; os docentes com formação superior; a construção e melhoria das dependências da escola; a existência de biblioteca, laboratórios ou sala de leitura e demais outros aspectos positivos, passíveis de serem comprados e aplicados na escola. Assim, ainda de acordo com autores, a deficiência de infraestrutura adequada nas escolas atinge diretamente na qualidade da educação (SÁTYRO e SOARES, 2007).

Nessa concepção, o presente artigo remete aos resultados adquiridos em atividades de observação e pesquisa, realizadas durante a execução de Estágio Supervisionado I, presente na base curricular do curso de licenciatura em Geografia. A pesquisa foi desenvolvida na única escola de ensino fundamental II e ensino médio presente na cidade de Piedade do Rio Grande, Minas Gerais - MG.

Metodologia

Para se alcançar os fins da pesquisa, a análise sobre a relação existente entre ambiente escolar e ensino-aprendizagem, sobretudo de geografia, optou-se por abordar uma metodologia de coleta de dados baseada na observação e investigação empírica, pautada em vivências, registros, aplicação de questionários e atividades propostas para o Estágio Supervisionado I em Geografia, realizados na Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento, localizada no município de Piedade do Rio Grande, Minas Gerais. Tais atividades se caracterizam pela observação, investigação e registros dos aspectos estruturais presentes na escola, bem como ao uso de diferentes recursos didáticos disponíveis em suas dependências, que possam facilitar a prática do ensino, tanto de Geográfica - abordado aqui em destaque - quanto das demais



disciplinas, e a aprendizagem do aluno.

De cunho qualitativo, a pesquisa foi realizada com o objetivo de compreender como as mudanças de infraestrutura - empregadas a partir do ano de 2015 na Escola Estadual Dr. Antônio Batista do Nascimento – refletiram na dinâmica escolar e como a infraestrutura, entendida aqui como todo e qualquer tipo de recursos, sejam eles de ordem estrutural, didático ou pedagógico influenciam no processo de ensino-aprendizagem de Geografia na escola, tendo em vista que, tais recursos interferem diretamente na atuação do professor. Ademais, para fins desta pesquisa, foi feito um levantamento teórico sobre a importância da geografia escolar, tendo em vista que a Geografia, como área do conhecimento que propicia a leitura do mundo e suas múltiplas transformações, tanto por fenômenos de origem física, quanto por aqueles originalmente humanos, apresenta-se como disciplina que pode aproximar a realidade dos acontecimentos vivenciados pelo aluno com a prática científica, fundamentando e dando sentido a aspectos do cotidiano.

Este texto está organizado com três itens, além da introdução, referências bibliográficas e considerações finais. O primeiro refere-se à discussão do Papel e importância da Geografia escolar, o segundo item compreende a Análise da Infraestrutura Escolar e melhorias feitas na referida escola a partir do ano de 2015 e o terceiro e último item discute a Relação Espaço e Sujeitos: Influência no Ensino-Aprendizagem.

O papel e Importância da Geografia Escolar

Compreender o papel que a geografia desempenha nas escolas está muito além do simples exposição e memorização de conceitos geográficos que premeia a prática docente. Para Straforini (2004), compreender a importância da geografia nas escolas é compreender o referencial teórico-metodológico que a sustenta, ou seja, o professor deve ter clareza quanto ao método. A Geografia que se faz hoje, nos moldes de uma construção histórica e dialética, sofreu, no final do século XX, transformações significativas para que o estudo das espacialidades presentes, isto é dos fenômenos geográficos, fossem compreendidas através da realidade do aluno e dentro da lógica de mundo globalizado.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a Geografia Escolar encontrava-se dissociada do contexto político vigente, ao ponto que seus pressupostos teóricos e metodológicos não abarcavam as necessidades de compreensão do presente como um todo sistêmico e dinâmico. Nesse contexto, era necessário ir além da simples constatação de tais problemas, era preciso, ainda, de acordo com Straforini (2004), retomar a questão do método, isto é, retornar para a visão de mundo, de forma que se construa a capacidade de se trabalhar com métodos coerentes com a Geografia Crítica em ascensão e com as transformações, políticas, sociais e econômicas do Brasil no final do século XX e início do século XXI.

O movimento de renovação, vivenciado no final do século XX, vinha de forma contrária ao modelo tradicional/possibilista da geografia, onde o estudo dos fenômenos geográficos encontra-se centrado na classificação, catalogação e memorização de fenômenos naturais, sociais e econômicos, de forma fragmentada e dissociada entre si. Nessa conjuntura o movimento buscava, de acordo com Cavalcanti (2012), denunciar a falsa neutralidade e inocência do pensamento geográfico, além do caráter utilitário e ideológico da geografia ligado ao poder de Estado.

Straforini (2004) ainda completa dizendo que, o que ocorreu no final do século XX foi na verdade a implementação de um novo olhar geográfico, porém ignorando-se a construção intelectual do professor. A Geografia Crítica empregada, em um primeiro momento, não foi capaz de modificar o método de ensino tradicional vigente, alterando somente os conteúdos neutros e descontextualizados para conteúdos pretensiosamente críticos (STRAFORINI, 2004). Mesmo que, o conteúdo trabalhado seja de matriz crítica, isto por si só não é capaz de proporcionar ao aluno a capacidade de pensar criticamente. É importante considerar o contexto social, político e econômico na qual esse aluno se insere, bem como as questões teórico-metodológicas que permeiam a prática docente, de forma que, o agir e pensar criticamente seja desenvolvido a partir do método adotado, da realidade do aluno e do incentivo a prática da pesquisa. Para Cavalcanti,

[...] a geografia que era ensinada não atraía os alunos; não havia uma consciência da importância dos conteúdos ensinados por essa matéria; o saber por ela veiculado era inútil e sem significado para os alunos, servindo, antes, aos projetos políticos de formar um sentimento de patriotismo acrítico, estático e naturalizante; a memorização tornou-se seu principal objetivo e também orientou sua metodologia (CAVALCANTI, 2012, p. 23).



Nesse sentido o movimento crítico que envolvia o pensamento geográfico buscava “avançar numa nova compreensão do espaço, de sua historicidade e de sua relação dialética com a sociedade” (CAVALCANTI, 2012, p. 22). O estudo da Geografia deve fazer sentido para os alunos, isso é alcançado através do estudo da realidade vivida, tendo o aluno como agente ativo no processo de ensino, de forma que possa proporcionar a formação de cidadãos críticos e participativos. Para este fim, ainda de acordo com a autora Cavalcanti (2005), é possível se trabalhar com uma proposta de ensino de Geografia pautado sobre ideias motrizes, são elas: a) o construtivismo como atitude básica do trabalho com a Geografia escolar, considerando-se o ensino como processo construtivo de conhecimentos, onde o aluno é agente ativo dentro do processo; b) a geografia do aluno como referência do conhecimento geográfico construído em sala, tomando-se como base os conhecimentos previamente adquiridos fora de sala como norteadores do processo de ensino; c) a seleção de conceitos geográficos básicos para estruturar os conteúdos de ensino, buscando a construção de instrumentos para leitura de mundo; e d) a definição de conteúdos procedimentais e valorativos para a orientação das ações, atitudes e comportamentos socioespaciais.

Segundo Straforini (2004), a Geografia deve proporcionar ao aluno a construção de conceitos que possibilitem a compreensão do presente, ou seja, de sua realidade vivida, que se encontra em constante movimento. Ademais, ainda de acordo com o autor, essa realidade está inserida em um todo, em uma totalidade, e seu estudo de forma fragmentada não é capaz de proporcionar a compreensão da realidade e nem de pensar criticamente sobre ela (STRAFORINI, 2004). Dessa forma o ensino de Geografia deve possibilitar a compreensão do todo, e não apenas partes fragmentadas do mesmo, como observado na Geografia Tradicional positivista. A autora Callai (1998), citada por Straforini (2004), aponta três motivos para se ensinar Geografia no sentido de compreender o mundo em totalidade: o primeiro seria conhecer o mundo e obter informações sobre ele; o segundo é conhecer o espaço produzido pelo homem e a relação entre sociedade e natureza e; o terceiro e último motivo, sendo o de maior importância no ensino de Geografia, é o de fornecer ao aluno condições para que seja construída a cidadania.

Os alunos devem entender os diferentes espaços presentes em seu cotidiano que se expressam de forma complexa; “é necessário que aprendam a olhar, ao mesmo tempo, para o

contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local” (CAVALCANTI, 2012, p. 34). Dessa forma, Cavalcanti (2012) afirma que para que se atinjam seus objetivos educativos, deve-se levar em consideração o local, o lugar do aluno, proporcionando a construção de um referencial geral, no qual, ao se basear nele, o aluno seja capaz de analisar criticamente o seu lugar de vivência.

Nessa mesma perspectiva, as autoras Castellar e Vilhena (2010) destacam a importância de se construir junto com os alunos, uma educação geográfica. Neste quesito, é importante pautar o papel que a geografia desempenha na formação humana, já que é através de um estudo voltado para uma educação geográfica, que o aluno irá adquirir, de acordo com a autora, a capacidade de reconhecer a ação social e cultural de diferentes lugares, além das interações entre as sociedades e a dinâmica da natureza, que ocorrem em momentos diversos da história (CASTELLAR e VILHENA, 2010).

É, portanto, papel da geografia escolar proporcionar a compreensão do espaço a partir do estudo de diferentes escalas, que remetem desde a escala local, como o lugar de vivência dos alunos, até a compreensão do global, como dos processos diversos que compõem o fenômeno de globalização, por exemplo. Assim, deve-se ter como meta, formar indivíduos mais abertos e sensíveis e, ao mesmo tempo, mais informados e críticos, tendo como intuito cumprir as tarefas de formação básica de cidadãos do mundo contemporâneo, via educação escolar e especificamente via ensino de Geografia (CAVALCANTI, 2012). Nesta concepção, a geografia escolar também assume papel decisivo na formação cidadã de sujeitos.

Apesar dessa discussão sobre o papel e o referencial teórico-metodológico da geografia no contexto escolar, sabe-se que a efetivação de um ensino-aprendizagem significativo e efetivo está vinculada, também, a outros aspectos entre eles o insumo escolar, conforme discutido por Soares e Sátyro (2008). Portanto, considerá-lo nessa discussão se faz necessário, e foi interesse da pesquisa realizada durante o Estágio Supervisionado I, conforme apresentado no tópico seguinte.

Análise da infraestrutura escolar e melhorias feitas



De acordo com Beltrame e Moura (2009, p. 4), “o espaço escolar é fundamental para a formação do ser humano devendo ser elemento de atenção na relação dinâmica entre usuário e ambiente”, dessa forma, o espaço escolar deve estar em constante reestruturação, quanto a sua estrutura física, as atividades pedagógicas e o comportamento humano, que devem ser considerados durante a construção do projeto escolar. Além disso, o uso de diferentes espaços e recursos presentes na escola propicia um ambiente mais agradável e rico em sentido para o aluno, de forma que a construção do conhecimento possa ser facilitada através da implementação correta desses meios, e do método didático pedagógico abordado pelo professor.

Bezerra e Choas (2016) destacam que ao se construir um projeto arquitetônico de escola, deve-se ter em mente o entendimento das atividades educacionais presentes e das condições de localização no espaço e na sociedade, com o intuito de evitar o desencontro entre propostas físico-estruturais dos edifícios com as políticas pedagógicas educacionais, e de inserção urbana das escolas. Além disso, as autoras apontam três características principais no espaço escolar que influenciam diretamente na relação ensino e aprendizagem, são eles: o conforto ambiental, que é referente aos estabelecimentos escolares e seus agentes ambientais (calor, ruídos, vibrações e iluminação) que, por sua ausência, podem causar desconforto e falta de concentração; a ergonomia é a relação entre seres humanos e outros elementos como o mobiliário, as cores, equipamentos, comunicação visual e tecnologias, com a finalidade de aperfeiçoar o desempenho de atividades; já a psicologia ambiental refere-se sobre a qualidade do espaço arquitetônico e sua capacidade de transmitir sensações aos usuários (BEZERRA e CHOAS, 2016). Estes três elementos podem tanto interferir de forma positiva, quando são considerados e trabalhados dentro das políticas da escola, quanto de forma negativa, quando sua importância é desconsiderada.

Dessa maneira, foram observados dentro da escola aspectos referentes à historicidade, como período de implantação e reforma da mesma e características que permanecem; o impacto sobre a comunidade escolar, que inclui funcionários, alunos e familiares; as condições de estrutura dos edifícios, bem como as reformas aprovadas pela Secretaria de Educação no ano de 2015; e os recursos didáticos pedagógicos existentes e aplicação feita pelos professores em sala de aula ou fora dela.

De modo geral, a escola analisada apresenta a mesma estrutura física de meados do século XX, de modo que, com a quantidade elevada de alunos que foram surgindo com o decorrer das décadas e com as atuais demandas para a educação, sobretudo, demandas para adoção de novas tecnologias, a mesma já não supre todas as necessidades físicas e matérias dos funcionários e professores, tão pouco proporciona um ambiente agradável para se receber alunos e proporcionar o ensino significativo de que necessitam.

A escola possui em suas dependências nove salas de aulas, que são organizadas de forma a atender 197 alunos do ensino fundamental II, 203 alunos do ensino médio, em período diurno, e duas turmas de ensino técnico no período noturno. É dividida em dois blocos e pátio central, sendo que o primeiro bloco apresenta estrutura em andar com secretaria e direção, biblioteca, sala de vídeo, banheiros para os alunos e sala dos professores no andar térreo, e no segundo andar comportam-se cinco salas de aulas para as turmas de 9º ano e ensino médio completo. Já o segundo bloco comporta apenas um andar térreo com quatro salas de aula (destinadas aos alunos de 6º ao 8º ano), sala recurso, sala de computadores, dispensa para alimentos, almoxarifado para materiais de limpeza, cozinha, refeitório e banheiro para funcionários, além do pátio e quadra poliesportiva. Vale ressaltar que, por ser a única escola da cidade com tais características e por atender alunos da zona rural, possui ensino fundamental e médio funcionando conjuntamente nos dois turnos, manhã e tarde.

Alguns dos ambientes citados, como a sala recurso, sala para computadores, dispensa para alimentos e almoxarifado, não existiam antes das reformas de 2015. Além desses ambientes, a reforma também alterou alguns outros espaços que necessitavam em suma urgência de mudanças. Em entrevista com a direção da escola, o diretor A. C. T. menciona que tais reformas vieram através de solicitações de alunos, pais de alunos e da própria direção de proporcionar um ambiente mais digno, tanto para os alunos quanto para funcionários. De acordo com o Diretor (2018),

A primeira reforma, que já está concluída, os banheiros, um refeitório mais digno, uma cozinha mais digna, veio de uma grande necessidade, embora a gente tenha outras, de algo chegar ao extremo de dignidade de se trabalhar e de receber alunos. Então ela veio através de abaixo assinado de alunos, depois de abaixo assinado de pais de alunos, e com endossamento nosso da direção para a secretária (Secretaria Estadual de Ensino) (A. C. T – Diretor, 2018).

Segundo Sato e Fornel (2011), para tornar o plano escolar eficaz, são necessários ter o



conhecimento prévio da condição socioeconômica e cultural da comunidade onde a escola está inserida, identificar as necessidades dos alunos e priorizar ações eficientes para a melhoria do desempenho deles no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, a estratégia da direção foi colocar a sociedade a par das condições da escola, e através de solicitações diversas, da direção, do colegiado, e da comunidade em si, para conseguir a liberação da verba e assim começar as primeiras reformas dentro da escola.

Dentro do que foram adquiridos, 12 mil reais foram destinados para o cumprimento da Lei de Acessibilidade nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Em seu Art. 1º estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação (BRASIL, LEI nº10.098 de 19 de dezembro de 2000).

De acordo com Lopes e Capellini (2015)

A acessibilidade física consiste na remoção de barreiras de um determinado espaço para que todos tenham acesso a ele. As condições de acessibilidade física nas escolas são precárias, principalmente, quanto à presença de barreiras arquitetônicas, visto que muitas construções são antigas, construídas quando o paradigma da inclusão ainda não existia (LOPES e CAPELLINI, 2015, p.93).

Além dessa pequena reforma para a acessibilidade e a reforma dos banheiros e refeitório, foi contemplada também outra reforma de cunho geral, com o intuito de reformar a escola como um todo. De acordo com o diretor, nessa reforma serão trocados os telhados e forros de todas as salas de aula, além alguns outros ambientes que serão realocados, como a sala de vídeos, biblioteca e sala de professores, que funcionam de forma improvisada onde antes eram a cozinha e refeitório da escola, também será feita a adição de uma sala própria para o ensino integral, com recursos específicos para atender as demandas dos alunos e professores. Além disso, em seu depoimento, o diretor A. C. T. deixa claro que a intenção maior das reformas, além de restaurar os prédios, é de proporcionar um ambiente agradável para os alunos, um escola com “cara de aluno” e com a existência de locais onde esses possam se expressar, aprender e serem acolhidos, além de se sentirem pertencentes à escola.

Relação espaço e sujeitos: influência no ensino-aprendizagem

A investigação sobre como a infraestrutura pode influenciar no ensino- aprendizagem optou-se por trabalhar com os professores, já que é a partir do professor que a construção do conhecimento ocorrerá. A coleta de dados foi em formato de questionários, tendo em vista que a maior parte dos docentes possui carga horária elevada, o que dificulta uma entrevista com cada um. Para esse trabalho foram considerados dois processos, o primeiro de cunho mais geral, tem o objetivo de verificar a solicitação de ambientes e recursos didáticos pelo professor para a aplicação de suas aulas, dessa forma, foram distribuídos questionários a todos os professores da escola, efetivos, designados e substitutos. Já o segundo processo, tem o objetivo de avaliar o uso dos recursos nas aulas de Geografia, de forma que promovam o ensino-aprendizagem, para isso foram usados outros questionários, semelhantes aos dos demais professores, aplicados às duas professoras de geografia da escola, e as observações feitas durante a realização do estágio. Cabe destacar que, os resultados obtidos não consideram a frequência com que um ambiente ou recurso é solicitado pelo professor, apenas abarca os locais e tipos de recursos didáticos que utilizam em suas aulas, sejam esses frequentes ou não.

A partir da análise quantitativa das respostas apresentadas nos questionários, é possível notar que os recursos multimídia, assim como do ambiente sala de vídeo é altamente solicitado na escola, sendo que os recursos de data show, filmes, vídeos e documentários representam 66,6% e 75% (Quadro 1), respectivamente, compondo juntamente com a representação da sala de vídeos, com 83,3% (Quadro 2), o segundo na lista de recursos e ambientes mais solicitados pelos professores. Esses perdem apenas para a sala de aula, com 91,60%, no caso do ambiente, e para o quadro negro e giz e livro didático, com 91,6% e 75% respectivamente.

Quadro 1: Indicação do uso dos recursos didáticos de acordo com professores.

Uso de diferentes recursos didáticos em ordem decrescente (*)			
Quadro negro e giz	91,60%	Recortes de revistas	58,30%
Livros didáticos	75%	Imagens impressas e/ou digitais	58,30%
Vídeos, Filmes e Documentários	75%	Revistas, jornais e notícias	58,30%
Data show	66,60%	Livros literários e revistas em quadrinhos	33,30%
Internet	66,60%	Outros recursos	33,30%
Artigos científicos	66,60%	Representações cartográficas	23%
Músicas	58,30%	Jogos educativos	16,60%

(*) Os valores levam em conta o número de questionários recebidos (12) e o número de vezes que foi informado à solicitação por recursos.



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Quadro 2: Indicação do uso dos espaços pelos professores.

Uso de diferentes espaços presentes na Escola (*)					
Sala de aula	91,60%	Biblioteca	38,40%	Pátio	23%
Sala de Vídeo	83,30%	Fora de Escola	33,30%	Outros Locais	8,30%
Sala de computadores	38,40%	Quadra de Esportes	16,60%	Refeitório	0%

(*) Os valores levam em conta o número de questionários recebidos (12) e o número de vezes que foi informado à solicitação dos espaços da escola.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Outro dado que chama bastante atenção é quanto ao uso de artigos científicos e da internet, ambos representando 66,6%. Entretanto, o uso da sala de computadores não possui a mesma percentagem de utilização, já que possui uma representação de apenas 38,4%. Acredita-se que isso ocorra pela forma como o uso da internet é feito, o professor, por vezes, pode utilizar dela como meio de pesquisa de informações pertinentes à aula, ou até mesmo como fonte de pesquisa para outros recursos que possam ser levados para a sala de forma impressa, como notícias, imagens digitais, artigos científicos, documentários, etc. Ademais, esta também pode ser feita na sala de aula, ou seja, a internet pode ser usada como fonte de pesquisa dentro da sala, através dos celulares dos alunos, já que o uso do celular é permitido durante as aulas contanto que sejam para fins didáticos.

As professoras M. E. F. G. e F. A. F., ambas as professoras de Geografia e História, assim como os demais professores da escola em análise, também apresentam grande demanda pelos recursos tecnológicos que se encontram disponibilizados pela escola. Quando questionado sobre a forma como utilizam tais recursos e com qual objetivo, ambas apresentaram posicionamento semelhante, com o objetivo de dar sentido ao conteúdo proposto. Entretanto, ao analisar as respostas dadas nos questionários e compará-las com as observações feitas durante estágio supervisionado, notou-se que, apesar de possuírem o mesmo propósito, suas abordagens se diferem. A professora F. A. F. utiliza os recursos como forma de enriquecimento das aulas, como um recurso complementar ao que já foi dado, enquanto a professora M. E. F. G. utiliza os recursos de formas variadas, com o intuito de ajudar a compreender e interpretar fenômenos naturais e humanos, além de construir e aplicar conceitos através dos recursos didáticos utilizados.

Nunes e Rivas (2009, p. 2) ao referirem sobre o uso de recursos tecnológicos, como da internet, no ensino de Geografia, afirmam que todas as técnicas que envolvem o uso e aplicação desse recurso durante as aulas devem ser “desenvolvidas com a ajuda dos estudantes no seu desenrolar, permitindo assim que façam parte do centro das discussões, para que sejam participantes da construção das aulas, dos conteúdos e de seu aprender”. Ademais, as autoras afirmam que, apesar de manter, em grande maioria, conteúdos tradicionais, a matriz curricular de Geografia se inova através da contextualização, reflexão e da interdisciplinaridade, que ocorrem devido aos novos olhares sobre temas que antes eram distantes e que hoje são encontradas facilmente nas mídias. Dessa forma, tornando-se parte do cotidiano do aluno, estimulando a interatividade, ensinando-os a aprender a fazer e a ser um cidadão que possui autonomia sobre seu próprio saber (NUNES e RIVAS, 2009).

Ao analisar os questionários aplicados às professoras de geografia, notou-se certa divergência quanto às opiniões sobre a influência do espaço escolar no processo de ensino e aprendizagem. Enquanto a prof. F. A. F. fala sobre questões ligadas ao conforto ambiental, como boa iluminação, salas espaçosas e com boa ventilação, além da presença de ambientes vitais para a escola, como bibliotecas, sala de computadores e laboratórios (que a escola não possui), a prof. M. E. F. G. destaca mais questões de ergonomia, cujo intuito principal é a relação dos estudantes e professores com os espaços e equipamentos presentes de forma interativa e dinâmica, com foco no aluno, e que promovam uma educação mais significativa. Além disso, como posto pela professora M. E. F. G. um ambiente ideal para a promoção do ensino e aprendizagem "deve manter sempre o foco no aluno, é necessário proporcionar um sistema de aprendizagem interativo e atrativo" (M. E. F. G. - professora de escola básica, 2018).

O trabalho no espaço escolar não é mecânico e sim de sujeitos coletivos, onde o objetivo final é a apropriação do conhecimento e enriquecimento intelectual tanto dos estudantes quanto dos professores. Portanto, nesse espaço social de construção, cada participante deve cooperar coletivamente com a intenção de complementar o trabalho do outro, colaborar para a formação da equipe em busca dos objetivos comuns: a melhoria das circunstâncias de aprendizagem (SATO e FORNEL, 2011).



Considerações finais

A escola apresenta uma estrutura física debilitada e com limitações aparentes, visto pela falta de laboratórios, falta de paisagismo e áreas de convivência para os alunos, pela pouca iluminação natural nas salas e problemas estruturais nos prédios. Estes são antigos e precisam de manutenção, sendo esses aspectos negativos para promoção do ensino e aprendizagem na escola. Apesar disso, a escola apresenta uma quantidade variada, porém limitada, de recursos e espaços que podem ser explorados tanto pelos professores quanto pelos alunos.

Mesmo assim, apesar dos diversos usos dos recursos e ambientes na escola, o que se nota, conversando com os alunos e convivendo um pouco mais com os professores é que apenas as condições de infraestrutura da escola não são suficientes para possibilitar o ensino de qualidade. A abordagem do professor em sala, o planejamento das aulas e gerenciamento de recursos é crucial na prática escolar, entender que qualquer atividade para ter sucesso precisa ser planejada é um aspecto importante para construção do conhecimento, ademais, apenas a utilização desconectada de diferentes recursos didáticos não garante ao aluno um processo construtivo do conhecimento. É preciso que se tenha, por parte do professor, clareza e coerência entre o conteúdo trabalhado e o uso do recurso e de suas limitações, com o método didático pedagógico abordado, para que assim o ato de ensinar e, conseqüentemente, o de aprender sejam realmente alcançados.

Referências bibliográficas

BRASIL. Decreto n. 10.089, de 19 de dez. de 2000. **Lei de Acessibilidade**. Brasília, DF, dez de 2000.

BELTRAME, Mauria Bontorin; MOURA, Graziella Ribeiro Soares. Edificações escolares: Infraestrutura necessária ao processo de ensino e aprendizagem escolar. **Travessias**, v. 3, n. 2, 2009.

CALLAI, Helena C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. Cap. 2, p. 45-74.

CAVALCANTI, Lana de S. Bases teórico-metodológicas da geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza **A geografia escolar e a**

- cidade: **Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3º ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)
- CAVALCANTI, Lana de S. Referências Pedagógico-Didáticas para a Geografia Escolar. IN: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2005.
- DE LIMA BEZERRA, Maria do Carmo; CHOAS, Mona Lisa. Características do espaço arquitetônico facilitadoras do ensino e aprendizagem. **Interthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 13, n. 2, p. 58-75, 2016.
- LOPES, Jéssica Fernanda; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. Escola Inclusiva: um estudo sobre a infraestrutura escolar e a interação entre os alunos com e sem deficiência. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, v. 2, n. 42, 2015.
- NUNES, Camila Xavier; RIVAS, CLFR. Novas linguagens e práticas interativas no ensino de geografia. **Encontro de geógrafos de América latina “caminando en una América Latina entransformación”**, v. 12, 2009.
- SATO, Eliane Cristina Macceo e FORNEL, Silvia Renata. Conhecimento do espaço escolar. In. PASSINI, Elza Yasuko, PASSINI Romão, MALYSZ, Sandra T. (organizadores), **Prática de ensino de geografia e estágio**. 2 ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- SATYRO, Natália; SOARES, Sergei. **A infraestrutura das escolas brasileiras de ensino fundamental: um estudo com base nos censos escolares de 1997 a 2005**. Brasília: IPEA, 2007.
- SOARES, Sergei; SÁTYRO, Natália. **O impacto de infraestrutura escolar na taxa de distorção idade-série das escolas brasileiras de ensino fundamental: 1998 a 2005**. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2008.
- STRAFORINI, Rafael. Dilemas do Ensino de Geografia, In: STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. Cap. 2, p. 45-74.